

SÍNDROME DE ENCANTAMENTO E DEPENDÊNCIA DE DROGA

José Antônio Zago*

RESUMO

A síndrome de encantamento é caracterizada pela co-ocorrência de comportamentos resistentes à mudança de vida na dependência de droga. Esses comportamentos são: uma condição de escravo da droga, do opressor hospedado no oprimido e de relacionamento de afeição e de respeito, por quem trafica a droga, à semelhança do que acontece na síndrome de Estocolmo.

São apresentados argumentos sobre as implicações dessa síndrome no posicionamento do sujeito na sua relação com o mundo e os outros.

PALAVRAS-CHAVE: *síndrome de encantamento; dependência de droga; contos de fada; conscientização.*

ABSTRACT

The enchantment syndrome is characterized by the co-occurrence of resistant behaviors to life changes in drug dependence. These behaviors are: a condition as a slave to the drug, the oppressor hosted in the oppressed and the relationship of affection and respect for those who are drug dealers, similar to what happens in the Stockholm Syndrome.

Arguments are presented about the implications of this syndrome in the subject's position in relation to the world and other people.

KEY WORDS: *enchantment syndrome, drug dependence, fairy tales, consciousness.*

No trabalho clínico com pessoas dependentes de substâncias psicoativas temos constatado que algumas delas são resistentes ao tratamento ou em aceitar ajuda de familiares.

Essas pessoas dependentes geralmente argumentam que estão bem na situação em que se encontram, defendem o uso de drogas ou defendem que determinada droga não é nociva, apesar das visíveis perdas pessoais e materiais que vêm acumulando na vida. Essas pessoas se colocam numa posição defensiva, revelando uma dificuldade de elaborar criticamente a condição de dependente e das perdas conseqüentes a essa forma de viver. São, portanto, além de dependentes, defensoras do universo das drogas e dos indivíduos nele envolvidos; onde os vínculos de afeição com aqueles que traficam as drogas ou com colegas usuários são mais

*Psicólogo do Instituto Bairral de Psiquiatria - Itapira, SP. Mestre em Educação pela Universidade de Piracicaba.

poderosos que quaisquer outros tecidos no âmbito da família. Esta, muitas vezes, passa a ser vista como uma ameaça ao modo de viver do dependente.

Essas considerações sobre o dependente resistente à mudança são fundamentadas nos argumentos a seguir:

a) O Brasil foi o último país a abolir a escravidão, depois de severas pressões internacionais no sentido de mudanças econômicas e na emergente relação de trabalho que se estabelecia com a imigração.

Durante a escravidão, embora escravos, e deve-se assinalar que por imposição, muitos negros lutaram, de uma forma ou de outra, para saírem da condição de escravos. Assim, ninguém lutou mais contra a escravidão que seus próprios escravos, rebelando-se ou buscando estratégias de resistências como fugas, sabotagens, negociações com senhores, etc (COTRIM, 1999).

Negar-se a ser escravo, por qualquer meio, era a tentativa de ser livre:

“Houve os que suicidaram comendo terra, enforcando-se, envenenando-se com ervas e potagens dos mandigueiros. O banzo deu cabo de muitos. O banzo – a saudade da África. Houve os que de tão banzeiros ficaram lesos, idiotas. Não morreram: mas ficaram penando. E sem achar gosto pela vida normal – entregando-se a excessos, abusando da aguardente, da maconha, masturbando-se.” (FREYRE, 1987: 478).

Sublinha-se que “sem achar gosto pela vida normal”, era estar inconformado em ser oprimido, pois “vida normal”, no contexto, era aceitar ser escravo.

Com a abolição do regime escravo a maioria dos negros abandonou as senzalas na procura de vida nova. Entretanto, havia escravos que quiseram permanecer como escravos.

Em seu romance *Fogo Morto*, José Lins do Rego mostrou a decadência dos engenhos de cana-de-açúcar, em particular do Engenho Santa Rosa; o qual perde poder e é engolido pelas forças emergentes da usina e do capitalismo moderno, em função das mudanças econômicas que determinavam novas relações entre o capital e o trabalho. Com a abolição da escravatura há a debanda dos até então escravos, mas “Em todos os engenhos haviam ficado escravos que não quiseram abandonar os senhores, que amavam os senhores como se fossem criaturas da casa-grande.” (REGO, 1997: 154).

Embora livres pela Lei Áurea, houve então escravos que quiseram permanecer escravos, permanecer nas senzalas. Havia criado uma relação de afeição para com os seus senhores, para com seus opressores. A rigor, a escravidão os adoeceira a ponto de não conseguirem negar a condição de escravos, a ponto de se conformarem na condição de oprimidos. É possível que esses que ficaram espontaneamente nas senzalas não sentiam mais forças para buscar um viver diferente e exercer seus direitos de cidadão.

Na prática, a liberdade era uma condição a ser conquistada, que não era dada, não era gratuita. Desse modo, deve ter sido muito laborioso, após a abolição,

o negro buscar seu novo lugar social, conseguir trabalho, moradia e prover seu próprio sustento num contexto de profunda desconfiança e preconceito a seu respeito. Gregório Bezerra, em suas memórias, contou a história de um feitor negro no nordeste: “Ele tinha sido escravo e continuava pior que escravo. E tinha saudade da escravidão, porque, segundo ele, naquela época comia carne, farinha e feijão à vontade e agora mal comia um prato de xerém com água e sal.” (Citado por COSTA, 1986: 96).

O dependente de drogas que se nega deixar a droga, que se nega a receber ajuda da família ou de pessoas próximas, que se nega ouvir argumentos contrários à sua forma de vida e que se nega a pensar sobre sua condição de escravo da droga é semelhante ao escravo que pediu para permanecer na senzala.

Nesse caso, o dependente acredita que a droga, exclusivamente, lhe dá o sentido de sua vida. É como se fosse mais fácil ser drogado, pois a vida “normal” implica em buscar ou descobrir sentido em si mesmo e estabelecer relações construtivas com a sociedade; tarefas que exigem disposição, um sempre fazer e refazer, superar frustrações e perdas, renovar esperanças e aceitar que muito da existência é apenas provisório.

Esse dependente está duplamente adoecido: pela própria dependência e por falsamente acreditar que é livre, haja vista que para ele sua condição de escravo é o mesmo que liberdade, não ensaiando o mínimo esforço para superar sua escravidão. Há, então, uma inversão de valores: sendo escravo da droga, considera-se senhor de si, quer dizer, supõe-se livre.

Dessa forma, não há luta, não há um movimento de mudança. Se para o negro, na época da escravidão, a fuga, o morrer de saudade da África, cometer suicídio, abusar da aguardente, da maconha, entre outros, eram maneiras de romper a relação escrava; já no dependente de droga, que assim quer permanecer, está ausente o desejo de ser si mesmo, de ser autenticamente. A característica fundamental da liberdade é a possibilidade de fazer escolhas. Com a droga essa possibilidade está atrofiada.

Mesmo aqueles dependentes que ao julgarem certas drogas como “pesadas” as substituem por outras, também por eles consideradas “leves” ou por drogas lícitas, continuam mantendo atrofiada a possibilidade de escolhas. Tal é semelhante ao “... escravo (...) substituído pelo paria de usina; a senzala pelo mucambo; o senhor do engenho pelo usineiro ou pelo capitalista ausente.” (FREYRE, 1987: 32).

Também, as condutas marginais do dependente de droga, como o roubo, o furto, o estelionato, e quais aparecem em sua história de vida a partir da escravidão com as drogas, não podem ser entendidas com justificativas buscadas no seu passado, ou seja, uma tendência de explicar o comportamento presente como resultante de um conflito ou trauma na infância. Isso é tão absurdo quanto julgar a moral do negro no Brasil por sua suposta influência nociva, pois não foi a questão da raça, mas dessa raça sofrida na condição de escravo, do sistema social da escravidão (FREYRE, 1987).

Quer dizer, não é a pessoa do dependente de drogas que deve ser julgada de marginal, mas entender e questionar esses comportamentos como conseqüentes de sua condição de escrava das drogas e não produtos de problemas do desenvolvimento.

Não existe escravidão pesada ou leve. Ser escravo é não querer ser si mesmo. A assunção como sujeito requer uma presença atuante e construtiva no mundo, de forma crítica e responsável.

b) FREIRE (1974: 52) concebeu que a alfabetização visa o sujeito dizer a “sua própria palavra”. Antes, é o “*opressor hospedado no oprimido*”, isto é, uma estrutura de dominação que determina uma dualidade existencial dos oprimidos.

A idéia central de Freire é que a palavra expressa pelo oprimido é a *palavra alheia*, depositada no hospedeiro pelo hóspede, portanto uma palavra dissociada da própria experiência e de um agir verdadeiro, a qual foi colocada de fora para dentro na boca do oprimido: “Não é a palavra nascida do coração ou de dentro para fora. A palavra do oprimido está proibida e sobrevive apenas como semente ou como palavra não pronunciada.” (AMATUZZI, 68-70).

Segundo Freire:

“ (Os oprimidos) Sofrem uma dualidade que se instala na ‘interioridade’ do seu ser. Descobrem que, não sendo livres, não chegam a ser autenticamente. Querem ser, mas temem ser. São eles e ao mesmo tempo são o outro introjetado neles, como consciência opressora. Sua luta se trava entre serem eles mesmos ou serem duplos. Entre expulsarem ou não o opressor de ‘dentro’ de si. Entre se desalienarem ou se manterem alienados. Entre seguirem prescrições ou terem opções. Entre serem expectadores ou atores. Entre atuarem ou terem a ilusão de que atuam, na atuação dos opressores. Entre dizerem a palavra ou não terem voz, castrados no seu poder de criar e recriar, no seu poder de transformar o mundo.” (FREIRE, 1974: 36).

O dependente de drogas que se nega deixar a droga, que se nega a receber ajuda da família ou de pessoas próximas e que se nega ouvir argumentos contrários à sua forma de vida é um oprimido cujas defesas são pela fala do opressor hospedado em si. Aí, a busca de um sentido para a vida não é um processo que ocorre de seu interior para o exterior, mas que foi colocado de forma pronta de dentro para fora por meio de um objeto destrutivo: a droga.

Embora esse dependente tenha momentos de dúvidas, não as alimenta com a reflexão. A angústia e a culpa aparecem então nesses momentos. Mas com medo do sofrimento, condição intrínseca do ser vivo, e da culpa de não ter assumido a si mesmo, alivia a angústia e a culpa com o consumo de mais droga.

É evidente que as drogas eliciam prazer, diga-se prazer fugaz. Mas o preço pago pelo dependente por esse prazer é muito caro em todos os sentidos. A dualidade é exatamente por se achar incapaz de ser feliz sem as drogas, isto é, de descobrir sentido na vida sem as drogas. Teme, então, expulsar o opressor hospedado e expressar a própria palavra, ou seja, ser si mesmo, porque, o opressor, o que rouba

a palavra do outro, tem uma grande descrença no oprimido. Por isso prescreve seus comportamentos porque considera o oprimido um incapaz (FREIRE, 1974). Quando, por exemplo, o oprimido não tem dinheiro para comprar a droga, o opressor “sugere”: “Você não tem alguma coisa de valor (um objeto, por exemplo) em sua casa?”

Para AmatuZZi, ao interpretar Freire, uma verdadeira libertação não é conquistada somente com uma atuação concreta externa contra o opressor, mas deve ser, simultaneamente, uma expulsão do opressor de dentro de si. A palavra verdadeira, o falar autêntico ou a palavra própria, resulta do processo dialético que une a ação à reflexão, o interno e o externo, que faz a *experiência* (vivência subjetiva) equivalente à *ação* (prática objetiva):

“A própria palavra, a sua, corresponde pois à palavra que transforma o mundo e a si mesmo face ao mundo, a partir de algo que é próprio, seu, isto é a experiência que pertence a cada um e ao povo e que é formulada no ato de apropriar dela, o qual é o ato de transformar o mundo.” (AMATUZZI, 1989: 70).

c) A síndrome de Estocolmo basicamente refere-se aos sentimentos positivos do refém pelo captor e de sentimentos negativos do refém pelas autoridades que tentam libertá-lo. O nome foi dado a partir de um assalto ocorrido em Estocolmo, Suécia, em 1973, quando quatro pessoas foram feitas reféns por dois assaltantes durante seis dias. Esses reféns passaram a considerar os assaltantes como que os protegendo da polícia. De um modo geral, o refém ou o seqüestrado desenvolve sentimentos paradoxos de afeição e temor para com o assaltante ou seqüestrador.

É uma maneira da vítima manter um equilíbrio cognitivo e emocional, como forma de sobrevivência, frente a uma situação traumática, defendendo o agressor e entendendo seu comportamento como produto de uma sociedade injusta. O conceito da síndrome de Estocolmo tem sido ampliado para diversas situações como da mulher maltratada no lar, abuso físico ou emocional de crianças, etc. (MONTERO, 1999).

O dependente de drogas que se nega deixar a droga, que se nega a receber ajuda da família ou de pessoas próximas e que se nega ouvir argumentos contrários à sua forma de vida é porque desenvolveu também sentimentos de afeição e de temor para com aqueles com quem obtém a droga. Tal como ocorre na síndrome de Estocolmo, esse dependente tem sentimentos positivos para com seus “seqüestradores”, tendo-os como indivíduos bons e “que sabem das coisas”. Ao contrário, os familiares e os que tentam ajudá-lo são vistos pelo dependente como pessoas ruins e “que nada entendem da vida”. Uma forma de o dependente manter sua “sobrevivência”, já que para ele viver é praticamente o mesmo que usar droga. Romper essa relação, para o dependente, seria o mesmo que abrir mão de uma referência concreta de proteção e de apoio contra a sociedade injusta e sem sentido.

Esse vínculo de afeição do dependente para com o objeto droga, representante daqueles que a traficam, parece tão estruturado que torna difícil de ser rompi-

do por argumentos lógicos. Os conteúdos emocionais dominam a estruturação lógica do pensamento e embotam a capacidade de conscientização. Em outras palavras, o dependente, nesse caso, está conformado no papel de refém. Além do mais, defende o opressor, o que torna uma relação estranha para quem observa ou convive com ele. O que falta ao dependente é coragem de viver. Coragem para a vida, onde as possibilidades de sobrevivência, embora muitas delas custosas, são múltiplas.

Esses comportamentos co-ocorrentes, quando apresentados pela pessoa dependente de droga, denominamos de *síndrome de encantamento*.

Encantamento é um termo extraído dos contos de fada. Não é incomum nos contos de fada uma figura humana ser transformada, por magia, em um animal, isto é, o encantamento. Geralmente, o desenrolar dos contos é em torno de quebrar o encantamento e a recuperação da forma humana. A figura animal ou a figura humana encantada representa nos contos de fada, entre outros significados, que está ativa apenas a parte mais primitiva (a parte animal) e que a porção mais evoluída (=consciência) está ausente. Por exemplo, em uma das versões do conto *As Três Penas*, sob a terra é uma linda moça fiando e que se transforma num sapo quando vem à superfície. Ou seja, embaixo da terra é uma pessoa muito bonita, mas quando vem em direção à superfície, ao mundo humano, ao mundo consciente, é um sapo, é primitivo. O encantamento é quebrado pela confiança, aceitação e amor incondicionais, quer dizer, depois que o sapo pede para ser aceito como se fosse um ser humano (FRANZ, 1990).

Em outros contos, por exemplo em *A Bela Adormecida* e *A Branca de Neve*, o encantamento é um longo sono que pode ser interpretado como uma reação à ameaça de crescer e enfrentar as dificuldades da vida. Nesses contos um beijo (= gesto de amor) quebra o encantamento:

“A fuga narcisista é uma reação tentadora para as tensões da adolescência, mas adverte a estória, conduz a uma existência perigosa, semelhante à morte, se a abraçamos como um escape para as incertezas da vida. O mundo inteiro fica morto para a pessoa: eis o significado simbólico e admonitório do sono mortífero em que caem tudo e todos que circundam Bela Adormecida. O mundo só está vivo para a pessoa que desperta para ele. Só o relacionamento com os outros nos ‘desperta’ do perigo de deixar nossa vida adormecida.” (BETTELHEIM 1979: 274).

E quem provoca o encantamento geralmente é a figura da bruxa ou da feiticeira, que dentre várias interpretações, significa o princípio da morte, da doença, da desintegração, da cobiça e da discórdia por meio da intriga, do envenenamento, da calúnia (FRANZ, 1984).

Resultante dos comportamentos co-ocorrentes (escravo da droga, o opressor hospedado, vínculos de afeição e de temor para com o opressor), a síndrome de encantamento, assim, caracteriza-se na consciência adormecida ou encantada da pessoa dependente de droga resistente à mudança.

O conceito de consciência não se refere aqui ao sentido neuropsiquiátrico, do estado de vigília; nem à consciência do vivido ou à consciência moral, mas a consciência como processo de ser-no-mundo:

“A conscientização implica, pois, que ultrapassemos a esfera espontânea de apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição. (...) A conscientização não pode existir fora da ‘praxis’, ou melhor, sem o ato ação-reflexão. Esta unidade dialética constitui, de maneira permanente, o modo do ser transformar o mundo que caracteriza os homens.” (FREIRE, 1979: 26).

Na síndrome de encantamento a pessoa vive de forma primitiva, no preenchimento de suas necessidades mais corpóreas e imediatas, por exemplo como obter droga. É um ser humano, evidentemente, com todos os direitos de cidadão, mas longe de exercer a cidadania, a qual implica numa relação de respeito e de dignidade para consigo e para com os outros. Na síndrome de encantamento a pessoa gira tal como um satélite no universo das drogas, relegando o semelhante, o próximo, num plano secundário ou como mera extensão para manter sua dependência. É como viver fechado para o mundo, à semelhança de uma ostra, isto é, num ostracismo.

É necessário esclarecer que a dependência de droga não é determinada geneticamente, segundo reducionismo biológico. “(...) somos seres geneticamente, culturalmente e socialmente *condicionados*, mas não *determinados*.” (FREIRE, 1996: 21). Em outras palavras, a dependência de droga não é natural, mas histórica. E tudo que é histórico pode ser mudado.

Não é incomum uma pessoa dependente de droga estar conformada porque implicitamente acredita que seu problema é hereditário: “Meu avô bebia, meu pai bebia e vários tios bebem. Acho que é por isso que uso droga.” A questão que deve ser colocada a essa pessoa é: “Por que você quer continuar essa história?”, ou “Por que você não muda então essa história?”

A ostra é um símbolo da natureza carnal e corruptível. E quando uma partícula irritante, como um grão de areia, aloja-se em seu interior, forma-se, em torno dessa partícula irritante, a pérola, algo incorruptível (FRANZ, 1984). Tal simboliza a possibilidade de uma mudança radical (conscientização @ transformação). Essa mudança radical significa a assunção do sujeito que passa a construir a sua história, que assume expressar a própria palavra e é continente com aqueles que o querem bem.

De um lado, quebrar a síndrome de encantamento requer uma disposição inicial da pessoa dependente. Essa disposição está presente nos momentos de dualidade, de dúvida. Por outro, a tarefa de quem se propõe a dar ajuda requer habilidade, empatia e momentos certos para alimentar a dúvida. A dúvida alimentada poderá ser transformada em angústia e, depois, em desespero.

Estar desesperado, ou tomar consciência de seu desespero, poderá ser o embrião da fé (KIERKEGAARD, 1988). Não nos referimos exclusivamente sobre a fé cristã, mas a fé que desperta a esperança da vida nova. Essa tarefa requer também, e principalmente, que seja realizada de forma genuína, pois somente o amor quebra os encantamentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMATUZZI, Mauro Martins. (1989). *O Resgate da Fala Autêntica*. Campinas: Papyrus.
- BETTELHEIM, Bruno. (1979). *A Psicanálise dos Contos de Fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- COSTA, Emília Viotti da. (1986). *A Abolição*. Rio de Janeiro: Global.
- COTRIM, Gilberto. (1999). *História Global*. São Paulo: Saraiva.
- FRANZ, Marie-Louise von. (1984). *A Individuação nos Contos de Fada*. São Paulo: Paulus.
- FRANZ, Marie-Louise von. (1990). *A Interpretação dos Contos de Fada*. São Paulo: Paulus.
- FREIRE, Paulo. (1974). *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- FREIRE, Paulo. (1979). *Conscientização: Teoria e Prática da Libertação*. São Paulo: Cortez & Moraes.
- FREIRE, Paulo. (1996). *Pedagogia da Autonomia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- FREYRE, Gilberto. (1987). *Casa-Grande & Senzala*. São Paulo: Círculo do Livro. (Publicado originalmente em 1933).
- KIERKEGAARD, Sören Aabye. (1988). *O Desespero Humano*. (Os Pensadores, pp. 187-279). São Paulo: Nova Cultural. (Publicado originalmente em 1849).
- MONTERO, Andrés. (1999). Shaping the etiology of the Stockholm Syndrome: hypothesis of the induced Mental Model. *IberPsicología*, 5 (1): 4.
- REGO, José Lins do. *Fogo Morto*. (1997). São Paulo: O Estado de S.Paulo/Klick Editora. (Publicado originalmente em 1943).